

J. FERNANDES MASCARENHAS

**CINCO SÉCULOS
NA VIDA DE UMA FREGUESIA**

(DISCURSO INAUGURAL DAS COMEMORAÇÕES
DO 5.º CENTENÁRIO DE MONCARAPACHO)



MUSEU DO TRAJO

S. Brás de Alportel

Biblioteca 31

Inv. N.º 239

Cota N.º 2

J. FERNANDES MASCARENHAS

CINCO SÉCULOS NA VIDA DE UMA FREGUESIA

(DISCURSO INAUGURAL DAS COMEMORAÇÕES
DO 5.º CENTENÁRIO DE MONCARAPACHO)



1972

EXCELENTÍSSIMO SENHOR GOVERNADOR CIVIL DO
DISTRITO DE FARO

EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR BISPO
DO ALGARVE

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES DISTRITAIS E CON-
CELHIAS

MINHAS SENHORAS

MEUS SENHORES :

Dignaram-se VV. Ex.^{as} deslocar-se a Moncarapacho para tomar parte nas solenidades do 5.^o centenário da fundação desta freguesia, acontecimento verificado em 19 de Junho do ano de 1471.

A vossa honrosa presença é a prova evidente do muito interesse registado pela iniciativa, a um tempo cívica, religiosa e cultural.

Simple lugar nessa data distante, Moncarapacho é muito antigo, pois o seu nome já nos aparece no reinado de El-Rei D. Fernando I, em 1368, precisamente com a grafia actual (*).

(*) Documento do Arquivo N. da Torre do Tombo, revelado pelo nosso ilustre Amigo, Dr. Joaquim Alberto Iria, na sua erudita obra *O Algarve e os Descobrimientos*. Refere-se a uma concessão de El-Rei D. Fernando I que diz assim: «Carta por que o dicto senhor deu a foro pera todo sempre a Joham Afonso e a todos seus sucesores hũa vinha com hũa peça de figueiras que o dicto senhor ha em Taujra em logo que chamam Moncarapacho...».

Por se tratar do primeiro documento que se conhece sobre esta localidade, achamos de interesse a sua transcrição, em parte, embora se trate de um discurso e não pròpriamente de um estudo.

Por esta freguesia passaram, como prova a arqueologia, os povos mais variados, desde os romanos e gregos aos visigodos e árabes, sem falarmos já dos povos do período pré-histórico, dos quais existem também vestígios evidentes.

Mesmo junto à aldeia, foi descoberta há anos uma extensa necrópole de características visigóticas, o que prova a antiguidade de um núcleo populacional que bem próximo dela teria existido, quiçá na área da própria aldeia.

Apesar de no decurso dos séculos muita coisa se ter transformado, há todavia elementos que jamais hão-de deixar de exercer a sua acção. Entre eles temos a história, os costumes e a língua que falamos e rezamos.

Rezar sim, dizemos bem, pois esta freguesia foi desde o seu início embalada pela Igreja, isto é, sob as bênçãos maternais de Santa Maria da Graça, a sua excelsa Padroeira, que o Bispo de Silves D. João de Melo fundou, separando-a da de Santiago de Tavira.

Inicialmente para que a população pudesse praticar os sacramentos, evitando-se que muitos habitantes morressem sem eles, procuraram os homens bons de Moncarapacho que o lugar tivesse templo próprio e respectivo capelão, nomeando para isso como seu procurador o Escudeiro Estêvão Vaz que, no ano de 1453, se avistou com o Prior de Santiago de Tavira, na altura o Cónego João Anes.

Nesse encontro histórico foi celebrado um contrato reduzido a escritura, a qual foi aprovada em 1459, pelo Bispo de Silves D. Álvaro III.

Segundo ela passaram os habitantes de Moncarapacho a ter capelão que lhes administrasse alguns sacramentos, dando primeiro parte ao prior, ao mesmo tempo que ficavam com a obrigação de assistir à Missa da freguesia no Domingo de Ramos, Sexta-feira da Paixão e dia do Corpo de Deus.

Porém, aos habitantes do lugar o que verdadeiramente interessava era a criação de uma freguesia com todas as regalias que lhe são inerentes. E isso conseguiram, graças à compreensão do Bispo de Silves D. João de Melo, prelado muito ilustre, da família do primeiro Conde de Olivença.

Emanado da Sé de Silves, o respectivo decreto data de 19 de Junho de 1471, cuja cópia em letra do século XVII, é a reprodução fidedigna

do pergaminho original, dado que se trata de uma pública forma, passada no cartório de Tavira do tabelião de notas de El-Rei, como então eram designados tais funcionários.

O original desse importante documento para esta freguesia, infelizmente já não deve existir, pelo menos não o encontrámos, embora tivéssemos feito aturadas deligências.

Os moncarapachenses de então foram-se agregando em redor do templo que fizeram edificar à sua custa exclusivamente, com as suas dádivas e seus sacrifícios, o qual consagraram a Santa Maria da Graça.

A devoção fervorosa dessa época, fins da Idade Média, levou muitos crentes a legar propriedades à sua Padroeira, as quais os mordomos da respectiva confraria aforavam e com cujo rendimento lhes foi possível fazer grandes transformações no templo da sua freguesia, dotando-o mais tarde, em meados do século XVI, com o monumental pórtico Renascença de influência plateresca que, sem favor, é o mais belo do género existente no Algarve, digno de figurar nas obras que tratam desse estilo em Portugal.

Quem observar essa jóia architectónica não deixará de se impressionar com a riqueza dos seus altos e baixos relevos, que vão desde a Anunciação da Virgem — representativa do orago do templo — às cenas da paixão de Jesus, num equilíbrio grande, à altura dos cânones do estilo em que a mesma foi concebida e edificada.

Mas os filhos desta freguesia não cuidaram sòmente de arrotear os campos, missão muito importante nessas épocas, como aliás hoje e sempre, nem do aspecto espiritual, erguendo templos em louvor de Deus, da Virgem e dos Santos.

Os moncarapachenses como patriotas que sempre foram acrisoladamente, deram também o seu esforço em defesa e engrandecimento da Pátria.

Todos os grandes movimentos patrióticos, diga-se em abono da verdade, encontraram sempre eco nesta freguesia, quer nos momentos altos de glória, quer nos difíceis.

Sempre que se verificavam rebates contra os mouros no Algarve, na altura sobretudo das colheitas, lá estavam os moncarapachenses dando a sua heróica colaboração e, no dizer de Frei João de S. José, não eram os derradeiros a acudir.

célebre Conde de Lipe, aquele oficial alemão que o Marquês de Pombal contratou para reorganizar o nosso Exército, segundo os moldes modernos, o mesmo é dizer, de acordo com a estratégia da época.

Durante as campanhas napoleónicas, dizem os antigos, sempre o ouvimos referir, que muitos soldados moncarapachenses foram dar combate aos franceses para além dos Pirinéus.

Nas campanhas de pacificação da Província de Moçambique, no reinado de El-Rei D. Carlos I, nas quais, Caldas Xavier, Paiva Couceiro, Galhardo, Mouzinho de Albuquerque e outros nobres e valentes militares deram o melhor do seu esforço, lá se encontram soldados moncarapachenses em Marracuene e Coolela pelo menos. E a excelsa Senhora Rainha Dona Amélia, elogiando o seu esforço, entrega-lhes pessoalmente medalhas, cunhadas para galardoar os feitos heróicos dessas campanhas, duas das quais já as tivemos nas mãos, aqui em Moncarapacho, ainda não há muitos anos.

Durante a chamada Grande Guerra de 1914-1918 e agora na defesa do nosso Ultramar, na Guiné, Angola e Moçambique, lá nos aparecem também filhos desta freguesia e nossos patrícios a dar o seu esforço, alguns dos quais caídos no campo da honra e do dever, jazem hoje, como um bom exemplo, à sombra dos ciprestes do cemitério da sua e nossa querida terra natal.

Mas não só estes que se distinguiram nas lutas pela Pátria são os filhos ilustres de Moncarapacho. Muitos mais tiveram aqui o seu berço no decorrer dos longos anos da sua história, pelo menos de cinco séculos.

No campo civil e eclesiástico teve figuras de bastante relevo, entre outras, o Conselheiro Dr. João José da Silva, juiz do Supremo Tribunal de Justiça e ilustre magistrado nas nossas províncias ultramarinas e o Doutor Frei Manuel de Santa Inez, monge agostinho descalço, doutor na sagrada teologia e cultor das belas letras, que empolgava os auditórios com a sua palavra inspirada de notável orador.

Foi ele que, em 1772, pregou no acto solene da bênção da igreja de S. Francisco de Moncarapacho, em cuja freguesia passava temporadas.

A par deles viveu D. Maria da Graça Pessanha, a «Senhora da Farrobeira», cuja vida foi um exemplo de amor a Deus e ao próximo, traduzido em inúmeros actos de caridade, compartilhando os seus bens

com os irmãos pobres, vendo neles a própria figura de Cristo, como aliás todo o cristão os deverá considerar.

Esta senhora da nobreza, pois descendia da família dos Pessanhas, proveniente de Micer Manuel Pessanha, almirante que veio de Génova para Portugal no reinado de El-Rei D. Dinis, foi um verdadeiro anjo da caridade que ainda hoje se recorda como um grande exemplo, como uma santa, embora somente canonizada pelo povo simples que, de geração em geração, vai transmitindo a fama das suas obras de bondade e amor.

Além destas figuras, muitos fidalgos e cavaleiros aqui nasceram e deram brilho à sua nossa querida freguesia natal, sem deixarmos de lembrar dentro do espírito de justiça, a gente humilde mas nobre de sentimentos, que soube honrar a sua terra, prestigiando-a e tendo bem vincada a ideia de que as terras como as nações valem pelo que são os seus filhos. Queremos com isto dizer que são os actos nobres que prestigiam as terras e não as palavras que passam como o som dos sinos na expressão do Apóstolo São Paulo ao referir-se à grande virtude da caridade, a maior de todas as virtudes.

Moncarapacho foi também alfobre de fidalguia da mais pura. Nos seus campos e na própria aldeia existiram solares de famílias, cujas armas figuram na sala dos brasões do Palácio de Sintra e nos armoriais da nobreza peninsular.

Os Corte-Reais, família de navegadores e guerreiros que tão assinalados serviços prestou à Pátria teve solar no sítio da Jordana e propriedades noutros pontos da freguesia. Igualmente os Mendonças, os Sárrias ou Sarres, os Pessanhas, anteriormente citados, os Barros, os Ataídes ou Taidés, os Castanhedas, os Tripauchos, os Pachecos, os Montes e outras mais famílias por aqui passaram vivendo nas suas quintas, que o escritor Frei João de S. José, por nós citado, indica nos seguintes períodos da sua obra *Corografia do Reino do Algarve*, escrita no ano de 1577 :

Moncarapacho «he hum lugar pequeno duas leguas de Tavira cujo termo he. Mas tudo ao deredor de si tem pouado de quintas em q continuam. te mora m.ta gente fidalga, e outros homens honrados que uiuem por suas fazendas.

He terra abastada porq nella se colhe o principal figo, e azeite de todo o Algarve. Tem huã Igreja grande e boa prouida de todo o

necessário, e fazem-se officios Diuinos nella com tanta perfeição como dentro de Tavira. Tem tambem caza de Misericórdia, e he toda gente lustroza, e de opinião, e q nos repiques de mouros que pello verão m.tas vezes nestas partes ha não são os deradeyros que acodem».

Todas essas familias encontravam-se em ligação sobretudo com Tavira, a que Moncarapacho pertenceu até 19 de Junho de 1471, mas que continuou a exercer sobre ela o seu primado espiritual e social, até porque a nóvel freguesia continuou a fazer parte do termo dessa cidade como também ao de Faro, até à criação do concelho de Olhão, no ano de 1826.

A própria architectura das casas de Moncarapacho, sobretudo da sua parte antiga, tem nítidas semelhanças com a de Tavira.

Até a fundação da Misericórdia de Moncarapacho — nobre instituição de que a freguesia muito legitimamente se honra — foi influenciada por Tavira, assim como a edificação do monumental pórtico da Igreja Matriz de Moncarapacho, da mais pura renascença, é muito semelhante ao da Misericórdia da cidade do Séqua, quiçá teria mesmo sido esculpido pelos mesmos artistas. Em ambos, os traços do plateresco são nítidos, o que aliás não admira, dada a proximidade do Algarve com a Andaluzia, o que facilitava o intercâmbio artístico, não só no campo da escultura como no da pintura.

E já que falámos da Misericórdia, é nosso dever lembrar neste momento histórico pelo menos um dos seus provedores antigos e mais destacado, o Capitão José Ignácio Pacheco de Mendonça que, com a sua grande tenacidade e dedicação pelos pobres, conseguiu com a colaboração de algumas figuras de maior relevo da aldeia nessa época, firmar a referida Misericórdia, conseguindo que El-Rei D. João VI, lhe concedesse novo compromisso, pois o antigo que devia datar de 1570, desapareceu pelo terramoto de 1755, que muito danificou o edificio da Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho.

A par desta algumas outras figuras merecem ser aqui destacadas. Entre outras, D. Maria Lizarda Carrajola Palermo e D. Maria Casimiro de Mendonça, as quais legaram as suas avultadas fortunas à Santa Casa da Misericórdia para constituírem património dos pobres, João Bento, enfeitado e homem humilde mas de coração nobre, que deixou em testamento à Misericórdia uma propriedade junto à antiga capela do Carmo e o Rev. Senhor Padre Isidoro Domingos da Silva, seu

actual provedor, que tão alto exemplo tem dado em dedicação à Misericórdia, numa missão a todos os títulos digna do maior louvor pelo que representa de amor ao próximo.

No campo social e económico tem também Moncarapacho procurado viver dentro da sua época, dando a sua comparticipação para o desenvolvimento do País, designadamente do Algarve. A existência do seu Grémio da Lavoura e da sua Casa do Povo são bem a concretização do que acabamos de afirmar.

Quer dizer que Moncarapacho não está apenas voltado para o passado, pelo contrário deseja ver desenvolverem-se os seus férteis campos através duma agricultura progressiva e modernizada e que os seus trabalhadores tenham a necessária protecção através dos organismos de previdência social.

Ao mesmo tempo preocupa-se com os problemas de educação e instrução, pois como todos nós sabemos as Casas do Povo visam também tais problemas, fundamentais sobretudo no momento em que vivemos em que tanto há a fazer para pôr um forte dique à onda de desmoralização que campeia pelas cidades e vilas e já chega também às aldeias e aos campos.

Fruto dos tempos dirão alguns, mas o que não podemos nem devemos é cruzar os braços para que o inimigo avance.

A propósito do que acabámos de referir, lembramo-nos das palavras lapidares de S. Jerónimo que parecem mesmo escritas para os nossos dias: «O que torna os bárbaros tão fortes, são os nossos vícios». E sem dúvida que é assim. O mundo precisa de actos bons e dignos e não de simples palavras. Para tanto é necessário iniciativa e dinamismo, mas um dinamismo ponderado e planificado e não programado de forma atrabiliária.

Através dos cinco séculos de existência como freguesia, Moncarapacho teve algumas iniciativas desta ordem, desde as clássicas aulas de gramática, como então se dizia e das quais até conhecemos nomes de algumas das respectivas mestras, às aulas de catecismo, dadas sob as naves imponentes da Igreja de Santa Maria da Graça, onde também formámos o nosso carácter e afervorámos a nossa fé no Altíssimo, o mestre supremo de toda a educação e instrução.

As próprias perseguições religiosas que aqui também infelizmente assentaram durante algum tempo arraiais, de 1910 a 1917, não fizeram

esmorecer a nossa fé, antes pelo contrário, e o vendaval passou sem deixar saudades.

Por outro lado, as próprias manifestações culturais e artísticas de carácter teatral e musical que aqui as houve desde há muitos séculos, contribuíram também para a morigeração dos costumes e estabelecimento da solidariedade entre as famílias da freguesia.

É certo que um dia também soprou a guerra civil no Algarve e em todo o País, e Moncarapacho não ficou indiferente a tais factos. Queremo-nos referir à luta entre miguelistas e liberais que trouxe muitas famílias dispersas e aterradas pelo espectro da morte. E em Moncarapacho vieram esconder-se nos seus campos, muitos portugueses de outras freguesias circunvizinhas, uns cheios de saúde e outros feridos em combates travados pelo Algarve e que aqui entregaram as suas almas a Deus, afastados dos seus lares.

A história de um povo é assim. Nela não se contam só as glórias, contam-se também os momentos tristes como foi o dessas lutas fratricidas, que as houve por todo o País, e dessas perseguições religiosas, das quais fomos ainda testemunha ocular, assistindo à Santa Missa num primeiro andar da Rua de Santo Cristo desta aldeia, porque o respectivo prior, nessa altura o Rev. Padre António de Jesus Alagaia, estava proibido de a celebrar na Igreja de Santa Maria da Graça, onde tantas e tantas gerações elevaram as suas preces a Deus e à Virgem sua padroeira, ajoelhando-se nas lajes frias e seculares do formoso templo.

E tudo isto se passou no meio de uma paisagem cheia de beleza, tendo por fundo o lendário cerro de S. Miguel, na serra do Monte Figo, donde Moncarapacho teria tirado o seu nome, cuja silhueta inconfundível se projecta no azul do oceano que se estende na sua frente e que foi o grande atractivo das nossas gentes, em demanda de novos mundos para a civilização cristã.

Esse cerro é bem o símbolo heráldico da freguesia. Ponto de referência das navegações gregas, fenícias e romanas, foi-o de igual modo no tempo dos descobrimentos e conquistas das praças do norte de África. Em redor dele há lendas e cenas mitológicas a engrinaldarem o seu passado.

Na vertente norte do cerro ergue-se uma capelinha antiquíssima, que já existia no século XVI, dedicada ao príncipe das milícias celestes, São Miguel Arcanjo.

No ponto mais alto do cerro existiu uma cruz de madeira sobre um pedestal de alvenaria, colocada pelo grande prelado do Algarve, D. Francisco Gomes do Avelar, mais tarde substituída por uma de pedra que ainda existia há poucos anos como que a abençoar todo o Algarve, pois deste poético e lendário cerro se avista quase toda a província até terras de Espanha, numa vastidão imensa.

Oh! quanto é belo ver um nascer do Sol do alto desse cerro e nós já tantas vezes o vimos em manhãs da primavera e do estio, sem falarmos já do espectáculo maravilhoso que dele se disfruta das amendoeiras em flor por ser um aspecto bastante conhecido.

Tudo isto se recorda neste momento, dado que a paisagem exerce sobre o homem uma forte acção.

Quer dizer, a freguesia de Moncarapacho estende-se desde a serra do Monte Figo ao mar, com os seus lindos campos matizados de casinhas brancas, como pombas a esvoaçarem.

Mais além, sobranceiras ao mar, vêem-se as ruínas de velhas atalais, que a imaginação do povo encheu de lendas de mouras encantadas, à semelhança do que se passa com a cristalina água das fontes e dos poços.

Os factos passaram mas deixaram uma lembrança indelével que nos encanta, embora saibamos quanto há nisso de fantasia e de poder imaginativo.

O mistério e as lendas são das coisas que mais encantam os povos, todos o sabemos. Têm como que um perfume suavíssimo que muito dificilmente desaparece.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Tantas coisas havia para dizer, mas não temos o direito de abusar da vossa paciência.

Numa festa centenária como esta, cremos que é uma altura excelente para os habitantes da freguesia e os responsáveis pelos seus

destinos tomarem consciência dos seus problemas actuais, paralelamente ao conhecimento da sua história.

Tradição sim, como dizia certo pensador francês, mas no sentido de evolução e não de cristalização.

E os filhos de Moncarapacho, cônscios da história da sua terra, anseiam que ela vá mais além no desenvolvimento cultural e económico.

No campo cultural esperam que seja inaugurado o seu Museu Paroquial, velho sonho que acalentamos desde há muito, no desejo que todos os valores históricos, arqueológicos, artísticos e etnográficos da região sobretudo, sejam devidamente guardados e catalogados, por forma a evitar-se a sua dispersão e até destruição por parte de quem ignore o seu valor.

É um anseio que esperamos ver realizado, quanto antes, contando com o valioso auxílio dos poderes públicos e de algumas entidades culturais.

No campo económico igualmente muito gostaríamos de ver na freguesia algumas indústrias ligadas à agricultura, em que esta fosse fonte de matérias-primas, tendo sempre bem presente que sem indústrias não há progresso, pois um país agrícola, como já dizia o nosso grande economista Acúrcio das Neves, é sempre um país pobre.

A par disso desejamos ver mais melhoramentos na nossa aldeia, tais como a água canalizada, para que não suceda continuar-se como há 500 anos a ir buscar-se a água à fonte, sem dúvida poético, mas pouco prático e menos higiénico.

Tudo isso nós ambicionamos muito justamente e contamos ver realizado.

Antes de terminar estas considerações não queremos deixar de nos congratularmos com a dedicação dos membros da Comissão Organizadora destas festas, a que temos a honra de presidir, mas cuja efectivação, manda a justiça que se diga, não teria sido possível se não tivéssemos como seu Vice-Presidente o Senhor Inspector Antero Nobre, velho e querido amigo de infância e colaborador em muitas iniciativas relacionadas com o Algarve e com Moncarapacho, o qual tem sido incansável no seu esforço e dedicação, pelo que aproveitamos o ensejo para lhe testemunhar o nosso muito reconhecimento e apreço. E não seria possível, repetimos, porque nos encontrávamos a cerca de 10 000 quilómetros do Algarve, na nossa querida Província de Moçambique.

Não era nossa intenção aceitar a deferência da Câmara Municipal, na altura presidida pelo dedicado olhanense Ex.^{mo} Senhor Timóteo Galvão, em virtude da distância a que nos encontrávamos. Todavia, como a ideia destas comemorações centenárias tinha partido de nós e de há muito a vivíamos, não quisémos deixar de dar a nossa modesta colaboração mesmo de longe, enviando a nossa opinião sobre os vários números do programa e algumas sugestões que foram tomadas em devida consideração.

A todos nesta sessão queremos testemunhar o nosso profundo reconhecimento, envolvendo no mesmo o Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal do nosso concelho e ilustre filho de Moncarapacho, Senhor Engenheiro João Deodato Neto Caboz que, com palavras de elogio e amigas, se quis referir à nossa humilde pessoa.

É necessário com este espírito de união prosseguirmos, interessando a juventude que também deu uma excelente colaboração à iniciativa.

É para essa juventude que nos queremos dirigir no final deste discurso.

Pelo que acabais de ouvir, embora sucinta e descoloridamente, Moncarapacho, a nossa querida freguesia, teve através dos séculos filhos que souberam erguer bem alto o seu nome.

Vós e nós somos os continuadores desses homens de boa vontade que procuravam dar realização ao seu ideal.

A «chama», chamemos-lhe assim, da perenidade da nossa freguesia será entregue a vós em qualquer actividade em que vos encontréis. E todas as profissões são nobres quando desempenhadas com dignidade, brio e honradez !

Com um pé no passado temos de preparar o futuro e infelizes os povos e as famílias que se esquecem e menosprezam os feitos dos seus antepassados. Não são dignos dos mesmos !

A vida, rapazes e raparigas que nos escutais, é uma cadeia que se prolonga indefinidamente. E para que essa cadeia seja robusta é necessário que os seus elos sejam feitos de bom metal, forte e nobre. O mesmo temos nós que ser. E as terras, como dissemos, valem pelo que valem os seus filhos.

Tais filhos, tais terras e a sabedoria popular foi mais além : cada povo tem o governo que merece. E na realidade é assim, visto que

os governos dos povos são recrutados entre os seus filhos com tendências para a função governativa.

Em qualquer ponto do Globo onde vos encontréis lembrai-vos da nossa terra, da terra onde nascemos e onde repousam os nossos antepassados. Lembrando-nos dela contribuimos com o nosso esforço, mesmo de longe, para o seu engrandecimento, o mesmo é dizer para a realização das suas iniciativas, espirituais, culturais, económicas e sociais. Às vezes um simples postal mostrando interesse é um estímulo para os que tomam iniciativas neste sentido.

Por outro lado, a crítica deve ser construtiva e não demolidora. Quando se critica apontam-se os erros e as respectivas soluções que nos parecem melhores.

Com este espírito elevado, construtivo e de cooperação podemos estar certos que as coisas podem progredir e prosperar, fazendo da nossa terra qualquer coisa de interessante dentro da nossa Província, deste «Algarve impressionista e mole», na expressão do grande poeta João Lúcio, nascido sob o sol ardente do nosso Algarve, em Olhão, a vila-sede da nosso concelho.

Sejamos, pois, dignos continuadores daqueles que fizeram Moncapacho, mas sempre com os olhos postos na Pátria, no desejo do seu engrandecimento e glória !

UMA REFERÊNCIA À SESSÃO ONDE ESTE DISCURSO FOI PROFERIDO

«No dia 19 de Junho de 1971, pelas 15 horas, realizou-se a sessão solene inaugural das Comemorações do 5.º Centenário de Moncarapacho, no vasto salão da Casa do Povo local.

Presidiu o Sr. Dr. Manuel Esquível, Governador Civil do Distrito, ladeado pelos Srs. Presidente da Junta Distrital, Deputados à Assembleia Nacional, Presidente da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, Pároco de Moncarapacho e Presidente da Comissão Organizadora. Em lugar de honra, sentava-se o Sr. D. Júlio Tavares Rebimbas, venerando Bispo do Algarve.» (In *A Voz de Olhão*, suplemento do quinzenário *O Sporting Olhanense*, de 1 de Julho de 1971, N.º 31).

Além do autor deste discurso, na sua qualidade de Presidente da Comissão Organizadora das Comemorações, falou também o Presidente da Câmara Municipal de Olhão, Sr. Eng. João Neto Caboz, abrindo a sessão e, no final, o Sr. Governador Civil «que declarando inauguradas as comemorações, fez o elogio do povo moncarapachense, felicitou a Câmara Municipal e a Comissão Organizadora pela iniciativa do programa elaborado, fazendo votos pelo maior êxito da sua execução e pela prosperidade e felicidades de toda a freguesia». (In *Jornal cit.*).

UMA REFERÊNCIA À SESSÃO ONDE ESTE DISCURSO FOI PROFERIDO

Este dia 19 de Junho de 1971, pelas 15 horas, realizou-se a sessão solene inaugural das Comemorações do 5.º Centenário de Moçambique, no vasto salão da Casa do Povo local.

Presidiu o Sr. Dr. Manuel Francisco Governador-Geral do Distrito, lido pelo Sr. Presidente da Junta Distrital, Desembargador e Assembleia Nacional, Presidente da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, Presidente do Município e Presidente da Comissão Organizadora. Em lugar de honra, sentavam-se o Sr. D. João Tavares Kchimbe, venerando Bispo de Algarve, Dr. A. For de Gidde, representante do movimento O Spoorak Ommoes de 1 de Julho de 1971, N.º 311.

Após do autor deste discurso, na sua qualidade de Presidente do Conselho Organizador das Comemorações, falou também o Presidente da Câmara Municipal de Gidde, Sr. Eng. João Cabral, sobrinho a sessão e, no final, o Sr. Governador-Geral que, declarando inauguradas as comemorações, fez o elogio do povo moçambicano, referiu a Câmara Municipal e a Comissão Organizadora pela iniciativa do programa elaborado, fazendo votos pelo maior êxito da sua execução e pela prosperidade e felicidade de toda a freguesia local.